

A PERSPECTIVA DOS EDUCADORES SOBRE O USO DA LITERATURA INFANTIL COMO RECURSO MEDIADOR PARA ABORDAGEM DA MORTE

RESUMO

A literatura infantil se apresenta como recurso mediador de temas tratados socialmente como tabus, sendo a morte parte dessa categoria. Nesse sentido, o estudo em questão buscou analisar a perspectiva dos educadores sobre o uso da literatura infantil como recurso mediador para abordagem da morte com crianças no ambiente escolar. Esta é uma pesquisa de natureza aplicada, exploratória e descritiva, de caráter qualitativo. Teve como campo uma instituição escolar filantrópica. A amostra foi composta por dez educadores, com os quais foram realizados três Grupos Focais, com duração de 1 hora e 30 minutos cada. Nos grupos, foram abordados tópicos como a abordagem da morte com crianças e o uso da literatura infantil nesse diálogo. Para melhor interlocução entre os participantes, foram utilizados oito livros infantis que retratavam a morte. A análise dos dados foi realizada pela técnica de análise de conteúdo de Bardin, tendo computado em três categorias. Como resultados, foi possível averiguar que os educadores analisam o diálogo desse tema como difícil. Constatou-se que, antes de ter o contato com a literatura especialista no tema, os participantes consideravam o retrato da morte nos livros infantis – clássicos – como vago, conseqüentemente não viam a possibilidade de uso deles. Após o contato com os livros, ponderaram ser executável o uso deles na escola e pensaram em formas de inseri-los. Por fim, conclui-se que é necessária a realização de pesquisas nessa temática, para instigar a sociedade à reflexão sobre isso, bem como disseminar informações a esse respeito.

Palavras-chave: Infância. Morte. Educação. Literatura infantil.

EDUCATORS' PERSPECTIVE ON THE USE OF CHILDREN'S LITERATURE AS A MEDIATING RESOURCE TO APPROACH DEATH

ABSTRACT

Children's literature is used as a mediating resource for topics that are socially treated as taboo, and death is one of these. In this sense, the study in question sought to analyze the perspective of educators on the use of children's literature as a mediating resource for approaching death with children in the school environment. This is an applied, exploratory and descriptive study of a qualitative nature. Its field was a philanthropic school. The sample consisted of ten educators, with whom three focus groups were held, each one lasting 1 hour and 30 minutes. The groups discussed topics such as how to approach death with children and the use of children's literature in this dialog. In order to improve the dialogue between the participants, eight children's books depicting death were used. The data was analyzed using Bardin's content analysis technique, which resulted in three categories. As a result, it was possible to ascertain that educators analyze dialogue on this subject as being difficult. It was found that, before having contact with specialist literature on the subject, the participants considered the portrayal of death in children's books - the classics - to be vague, and consequently did not see the possibility of using them. After coming into contact with the books, they thought it was feasible to use them at school and thought of ways to include them. Finally, we conclude that there is a need for further research on this subject, in order to encourage society to think about it, as well as to disseminate information about it.

Keywords: Childhood. Death. Education. Children's literature.

Submetido em: 02/05/2023 **Aceito em:** 30/10/2024 **Publicado em:** 18/06/2024

Revista Expressão Católica

ISSN 2357-8483

**Esp. Hávila Raquel do
Nascimento Gomes Brito**



Escola de Saúde Pública do Ceará,
ESP/CE, Brasil
havila.r@hotmail.com

**Me. Cândida Maria Farias
Câmara**



Universidade Estadual do Ceará,
UECE, Brasil
candidapsicologia@gmail.com

Esp. Anice Holanda Nunes Maia



Centro Universitário Católica de
Quixadá, UniCatólica, Brasil
aniceholanda@unicatolicaquixada.edu.br

**Dra. Stânia Nágila Vasconcelos
Carneiro**



Centro Universitário Católica de
Quixadá, UniCatólica, Brasil
stanianagila@unicatolicaquixada.edu.br



**Centro Universitário Católica de
Quixadá (UniCatólica)**

1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a morte foi um evento social e público cercado de rituais, por vezes, até esperado, como um alívio e um fim para o sofrimento. As crianças, assim como os adultos, participavam desses rituais (Áries, 2017). Papalia e Feldman (2013) contextualizam as mudanças em torno do processo de morrer na sociedade atual, relatando que os avanços medicinais, os tratamentos para doenças até então incuráveis, a implantação do saneamento básico e uma população mais informada sobre os cuidados com a saúde resultaram em uma revolução da mortalidade. Nessa revolução, o ser humano foi buscando cada vez mais prolongar a vida, esquecendo-se aos poucos que a morte faz parte do viver.

Desta forma, muitas vezes, o tema da morte só é abordado quando ela se faz presente resultando na perda de pessoas próximas. Entretanto, quando se trata do diálogo com as crianças, mesmo nesses momentos, esclarecimentos lhes são negados. O silenciamento do infante, nessa ocasião, pode implicar a dificuldade de elaboração de lutos e gerar danos emocionais na vida adulta (Paiva, 2011).

Mediante a impossibilidade de desvinculação da morte no nosso cotidiano e da dificuldade que os adultos apresentam em discutir esse tema com as crianças, a literatura infantil pode ser utilizada como recurso nessa conversa. Zambeli e Silva (2014) acrescentam que o ato de contar e ouvir narrativas são maneiras sensíveis e divertidas de estimular a criança à elaboração de sentimentos e de perdas.

Isto posto, constata-se que há possibilidades de abordagem desse tema com as crianças. Sendo ele presente no cotidiano, a escola – enquanto um local que aproxima e discute diversos conteúdos – manifesta-se como um possível espaço para essa discussão. Com isso, ao sentir necessidade de aprofundar tal questão, formulou-se a seguinte pergunta norteadora dessa pesquisa: na perspectiva dos educadores, como a literatura infantil pode ser utilizada como recurso mediador para abordagem da morte com crianças no ambiente escolar?

Diante disso, esse estudo justificou-se pela necessidade de pensar em formas de incluir essa temática no processo de aprendizagem e no contexto da educação, na medida em que a análise das perspectivas dos educadores aqui expostas poderá incentivar a inserção dessa prática no âmbito escolar. Destaca-se que, a partir da divulgação desses resultados, serão possibilitadas reflexões a respeito da educação para a morte, a qual poderá agir de forma preventiva, para que, quando o sujeito no decorrer da vida entrar em contato com as perdas, tenha abertura dentro do ambiente escolar e da sociedade para falar sobre os sentimentos desencadeados por ela.

Assim sendo, esse trabalho apresenta uma pesquisa que teve como objetivo analisar a perspectiva dos educadores sobre o uso da literatura infantil como recurso mediador para abordagem da morte com crianças no ambiente escolar, investigando quais os papéis atribuídos pelos educadores à literatura infantil no processo educacional, bem como buscando compreender como eles percebem a abordagem da morte com crianças nesse contexto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A criança e a aproximação com a morte

Desde a infância passamos por situações em que presenciamos perdas e mortes. Por meio de filmes, jogos e, até mesmo, nos contos, adquire-se um contato com o luto. Ainda assim, atualmente, as crianças não ficam presentes nos processos e rituais da morte, pois sua capacidade de entendimento é subestimada, impedindo que ela conheça a realidade do ciclo da vida, de maneira a valorizar os ganhos, negar a existência das perdas e dificultar que ela aprenda a lidar com situações futuras (Paiva, 2011; Santos, 2013).

Nesse sentido, apesar de compreender a morte de forma diferente do adulto, é importante que seja dialogado com a criança sobre esse assunto. A esse respeito, Torres (1979, p. 11) afirma que “o dilema de como falar sobre a morte às crianças começa a ser preocupação daqueles que com elas lidam, na medida em que a maneira de falar deve estar de

acordo com sua aptidão para compreender”. Portanto, a forma como essa abordagem é realizada deve ser acessível para seu entendimento.

Essa mesma autora desenvolve em sua pesquisa a compreensão que a criança compreende a morte de acordo com seu estágio cognitivo com base na teoria de Jean Piaget, considerando o termo quando é utilizado para nomear o fim das atividades funcionais de seres animais ou vegetais. Dessa forma, foi constatado que crianças no estágio pré-operatório, entre 3 a 5 anos, entendem a morte como sendo reversível. Estas ainda não conseguem diferenciar seres animados e inanimados, acreditando na existência da vida na morte. Quando se encontram no estágio operatório concreto, entre 6 a 9 anos, percebem a morte como paralisação e imobilização de órgãos, mas não daqueles que são biologicamente indispensáveis. Neste período, a criança passa a ter noção da morte como irreversível. É somente nas operações formais, após os 10 anos, que se adquire a percepção da morte como inerente à vida e como sendo a interrupção desta (Torres, 1979).

Ainda baseado nos pensamentos desse autor, convém ressaltar que a amostra da pesquisa supracitada é composta por crianças que não passaram por perda de um de seus pais ou irmãos, pois o entendimento dessa temática também pode ser modificado conforme o contato direto com esta, com as condições socioeconômicas, culturais, sociais e psicológicas.

Discutir essa temática preventivamente é de suma importância, mas o que pode ser identificado na cultura ocidental é o afastamento da criança; uma situação comum ocorre quando os pais ou algum parente próximo falece, pois ela acaba sendo retirada de suas casas, afastada das conversas e, muitas vezes, não recebe nenhum esclarecimento. Com um tempo, a criança acaba percebendo que houve uma mudança, dependendo da sua idade e seu contexto de vida; como não tiveram explicações, não será capaz de entender o acontecido. O adulto, por sua vez, silencia a criança, privando-a de viver esse momento; por não confiar mais nos adultos, ela só levará dessa situação experiências traumáticas e misteriosas (Kübler-Ross, 1996).

Pedro et al. (2010) acrescentam que, não informar ou falar sobre a morte com a criança de forma correta e verdadeira, pode levar o infante a se sentir culpado ou trazer também sentimentos de abandono. O silêncio por parte dos adultos pode vir a demonstrar que ela não precisa falar sobre sua dor e angústia. Nessa discussão, Torres (1979) sugere que a melhor forma de abordar é levando em conta a experiência da criança, com explicações diretas e simples, evitando sempre distorções no que é posto. Para assegurar que não houve distorções, é interessante pedir para que a criança fale sobre aquilo que lhe foi explanado.

Em consonância a isso, Paiva (2011) introduz que, ao abordar esse tema, é importante deixar evidente que a morte é um fenômeno universal, ou seja, comum a todos os seres vivos, não funcional, já que retira destes seres suas funções vitais, e irreversível como não sendo possível revertê-la.

2.2 A temática da morte no ambiente escolar

De acordo com Souza (2009), a escola é vista como uma ampliação da família, é a ligação da criança com a sociedade; é por meio dela que consegue apoio para formar pessoas com pensamentos críticos e conscientes. Junto com a família, a escola tem a missão de contribuir para o desenvolvimento pessoal e emocional do sujeito; a família torna-se mais confiante quando é orientada e acompanhada pelos educadores. Dito isso, a morte, como parte integrante do processo vital, deve ser discutida em ambos os meios de desenvolvimento da criança.

Mesmo que se evite levar esse assunto para sala de aula, pode-se observar diariamente situações de mortes reais e simbólicas, como o afastamento de um professor ou de um colega

de sala, e até mesmo a passagem de uma série para outra. Por mais que essas situações não retratem a morte de forma literal, elas provocam sentimentos semelhantes ao do luto, pois a forma como se lida com essas “pequenas” perdas colaborará para elaboração de perdas futuras. O silenciamento do diálogo referente à morte e às perdas refletem diretamente em como a criança se comportará quando passar por essas situações (Paiva, 2011).

Santos (2013) acrescenta que, caso não haja espaço para o diálogo, diante de uma perda, a criança pode não saber como demonstrar seus sentimentos, medos e emoções. Portanto, é imprescindível que sejam pensadas e realizadas novas abordagens na educação e na reflexão sobre o desenvolvimento da criança, pois, caso a temática da morte não seja levada aos alunos na infância, em algum momento, a vida apresentará de forma mais cruel. Deste modo, poderão não ter suporte de um adulto para contribuir em como lidar com esses sentimentos.

2.3 A literatura infantil e como a morte é retratada nela

A narração de histórias que simbolizavam e explicavam as origens das coisas é comum desde épocas antigas. A literatura surge dessa necessidade humana de expressão artística de conteúdos interiores e exteriores, sendo condizente com os costumes de cada época. No início, não tinham escritos direcionados para crianças, já que estes eram considerados “miniadultos”. Quando a preocupação social direcionada para crianças teve início, assim como gerou o advento das escolas, passou a ser confeccionadas literaturas voltadas para o público infantil. Estas adentraram o ambiente escolar com o objetivo de normatizar e repassar os comportamentos socialmente aceitáveis. Nos séculos XVIII e XIX, mesmo com o surgimento da pedagogia e da psicologia infantil, a preocupação da sociedade era de acelerar o desenvolvimento da criança; sendo assim, essas literaturas eram utilizadas para colaborar com esse propósito. Após o crescimento de estudos em Psicologia e Psicanálise, foi passado a desenvolver um olhar voltado para a parte lúdica da literatura (Garcia; Facincani, 2007).

No Brasil, a literatura infantil que predominava era advinda da Europa. É Monteiro Lobato que inicia o desenvolvimento de uma literatura condizente com as práticas locais, rompendo com parte dos princípios europeus. Nessa época, há um florescimento de narrativas que despertam o interesse e a identificação das crianças, já que elas, por meio da fantasia, passaram a ser retratadas como heróis e ocuparam o lugar dos personagens principais (Ziberman, 1987 apud Arapiraca, 2000).

Dessa forma, a literatura infantil vai modificando seu papel social, passando a ser um recurso que proporciona a criatividade, a imaginação e a identificação por meio dos personagens. Esta possibilita a expressão de sentimentos e emoções, podendo ser utilizado como recurso pedagógico e terapêutico. Dentro do ambiente escolar, seu uso não deve ser limitado à função pedagógica, mas deve ser buscado trabalhar também as questões emocionais da criança. Além disso, quando uma história é lida em conjunto educador-aluno, o vínculo entre eles é estimulado (Paiva, 2011).

Portanto, vemos que, por meio das narrativas, o mundo da imaginação retratado nos livros infantis, promove para criança novas formas de ver a si mesmo, o mundo e as situações, sendo que também corrobora com a reflexão de momentos que, devido a uma experiência de vida ainda limitada, não fora permitido à criança vivenciar (Garcia; Acincani, 2007).

Mediante as informações até aqui levantadas, pode-se considerar a literatura infantil como um recurso mediador no diálogo sobre diferentes temas. Sendo assim, há possibilidade da inclusão da temática da morte nessas discussões. Para tanto, é importante analisar como a morte é retratada nos livros infantis.

Autores como Zambeli e Silva (2014) analisaram as formas como a morte é representada em doze livros, dentre estes sete relatam como sendo consequência da velhice. Paiva (2008 apud Silveira, 2008) realizou um estudo mais profundo sobre esse tema, averiguando 1.735 livros que estavam inscritos por editoras no Programa Nacional da Biblioteca na Escola (PNBE).

Ao separar os temas em três categorias, incluiu-se a morte na terceira, que é denominada como “temas delicados”, que representa 3% dos títulos inscritos. Ao analisar as obras, constatou-se que metade apresenta a morte como decorrente do envelhecimento, tendo os personagens a oportunidade de se despedir e guardar boas lembranças.

Para acrescentar, a pesquisa de Müller (2005), realizada no Plano Curricular das escolas localizadas na cidade de Itajaí-SC, buscou analisar como os temas vida e morte são explanados nos livros didáticos. Verificou-se que a vida é um assunto mais privilegiado e que a morte aparece de forma velada, sendo, por vezes, apresentada apenas como resultado e não compreendida como um processo que ocorre no decorrer do desenvolvimento humano. Diante disso, conclui-se o quanto o diálogo sobre essa temática é deficitário no meio educacional, necessitando pensar novas formas de inseri-lo.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

Este estudo trata-se de uma pesquisa de campo, de natureza aplicada, exploratória e descritiva, de caráter qualitativo, com aprovação no comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UniCatólica, com o número de parecer 15619019.3.0000.5046. A coleta de dados ocorreu nos meses de agosto e setembro do ano de 2019, na escola Rainha da Paz, que é uma instituição Filantrópica, localizada no bairro Planalto Jerusalém, na cidade de Quixadá. A escola é uma associação sem fins lucrativos que atende crianças e adolescentes com 100% de gratuidade. Funciona através de recursos providenciados pela Organização Religiosa Regina Pacis e por doações de amigos, pessoas físicas e jurídicas. Atualmente, acolhe cerca de 430 crianças e adolescentes que frequentam a pré-escola (ensino infantil), ensino fundamental I (1º ao 5º ano) e fundamental II (6º ao 9º ano).

O público da pesquisa foi formado por cinco educadores da educação infantil (denominados E2, E3, E6, E7 e E8) e cinco do ensino fundamental (E1, E4, E5, E9 e E10), totalizando dez participantes. Para seleção da amostra, foram seguidos alguns critérios, como atuação por mais de um ano na educação de crianças e comparecimento no dia do primeiro momento grupal.

A coleta de dados foi realizada por meio do Grupo Focal. A escolha dessa técnica se deu por ela possibilitar a exploração de diferentes experiências e pontos de vista de forma integrativa, para que, em grupo, os participantes possam elaborar soluções para uma problemática. A pesquisadora atuou como moderadora do grupo, a qual teve como função a elaboração do planejamento dos temas a serem discutidos, a facilitação das discussões e o direcionamento e a análise do grupo (Aschidamini; Saue, 2004).

Foram efetuados três Grupos Focais, cada um com 1 hora e 20 minutos de duração. No primeiro e segundo grupo, participaram os dez educadores, já no terceiro sete (E1, E3, E4, E5, E6, E9 e E10) compareceram. A participação foi livre e voluntária; portanto, inicialmente foram explanados os objetivos do trabalho, bem como os preceitos éticos envolvidos, sendo iniciado após a assinatura do TCLE e do termo de gravação.

O primeiro Grupo Focal teve como objetivo compreender como eles percebem a abordagem da morte com crianças no âmbito escolar e como eles a realizam. No segundo, foi iniciada a investigação dos papéis atribuídos pelos educadores para a literatura infantil no processo de aprendizagem e como eles percebem a presença da morte nesses instrumentos. No terceiro grupo, foi proporcionado o contato dos participantes com os livros levados pela pesquisadora, os quais foram: “É assim” (Valdívia, 2012); “O que acontece quando alguém morre?” (Mundy, 2011); “Eu Vi Mamãe Nascer” (Emediato, 2009); “Um dente de leite, Um saco de ossinhos” (Lacerda, 2011); “Meu filho pato” (Lago et al., 2011); “Ficar Triste não é ruim” (Mundy, 2001); “O dia em que a morte quase morreu” (Branco, 2006) e “Menina Nina” (Ziraldó,

2016). A escolha desses livros se deu com base em estudos que os referenciavam (Kirchof; Silveira, 2018; Zambeli; Silva, 2014). Após o contato, foi refletido junto aos participantes as possibilidades de uso no ambiente escolar. Ao final, foi solicitado que os educadores produzissem uma síntese dos grupos anteriores, de modo a resumir em uma palavra como havia sido esse processo.

A análise das informações obtidas nos grupos focais foi realizada por meio da Análise de Conteúdo de Bardin. Deste modo, seguiu-se suas três etapas, sendo a primeira delas a pré-análise, a segunda o exame do material e, por fim, a conversação dos resultados relacionados com pesquisas teóricas (Câmara, 2013; Bardin, 2016).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da análise das falas obtidas nos grupos focais, foram elaboradas três categorias com os conteúdos que apareceram com maior ênfase. Para isto, foram considerados os objetivos da pesquisa, os quais buscaram analisar a perspectiva dos educadores sobre o uso da literatura infantil como recurso mediador para abordagem da morte com crianças no ambiente escolar; investigar quais os papéis atribuídos pelos educadores para a literatura infantil no processo educacional e compreender como eles percebem a abordagem da morte com crianças nesse contexto. As nomenclaturas empregadas em cada categoria foram produzidas com base no que será descrito e relacionado com os títulos de livros e trabalhos usados na pesquisa.

4.1 “Ficar triste não é ruim?”¹: a morte como um tema difícil

Como afirma Alves (1980), o educador não se resume a uma função. Nele, encontra-se uma pessoa que, assim como os alunos, é portadora de uma história, de suas próprias tristezas e esperanças. A educação acontece em um espaço artesanal que une esses dois. Considerando isso, o primeiro momento da pesquisa foi dedicado a saber a visão desses educadores sobre a abordagem da morte, já que as suas percepções e crenças influenciam diretamente em como eles falarão – ou não – sobre esse assunto com as crianças.

A partir dessa indagação, todos os educadores expuseram o diálogo a respeito da morte como difícil. Nesse contexto, os participantes consideravam que, se para eles já se trata de uma temática difícil, para as crianças, por sua vez, seria mais ainda, tal como constatado nas falas a seguir:

(...) porque se pra nós adultos é difícil, quanto mais para as crianças(...) (E2).

(...) é assim como uma abordagem um pouco difícil porque a criança jamais vai compreender, porque até pra nós adulto é difícil (E4).

Nesse sentido, autores como Melo (2007) e Paiva (2011) corroboram que essa dificuldade de falar sobre a morte com as crianças é do próprio adulto que já tem uma visão culturalmente formada e que a criança dialoga acerca disso com mais naturalidade. Esses mesmos autores sinalizam que, devido à crença de que a criança é frágil e não sabe lidar com a dor, os adultos parecem querer poupar e afastá-la do sofrimento da perda. Consequentemente, temem falar sobre a morte para elas como um processo integrado à vida.

Ao refletir sobre o que causava a dificuldade na conversação da morte com os infantes, os educadores relataram que parte disso era devido à ausência de uma formação específica. Outros também assinalaram a influência de questões pessoais e traumas infantis em torno do tema, como pode ser explicitado nas falas subsequentes:

(...) nós não somos preparadas enquanto pedagogas para trabalhar esse assunto (E3).

¹ Título do livro “Ficar triste não é ruim” (Mundy, 2001).

*E pra mim profissional, falta uma formação específica pra trabalhar esse tema (E6).
 (...) eu acho que seria importante se a gente tivesse uma formação, algo a respeito, pois muitas vezes nós não sabemos como proceder em determinados casos (E9).*

Por ser visto como assunto que não é para ser trabalhado no meio escolar, uma consequência surge: os educadores não adquirem suporte necessário para falar com as crianças da melhor maneira possível e não dispõem de acesso ao conhecimento que demonstre as diversas formas existentes que facilitariam esse diálogo. Em consonância, Paiva (2011) assevera que esses profissionais precisam de apoio da gestão escolar, e é necessária a inserção de material teórico na grade curricular da graduação para que auxilie nessa conversa. Assinala que nesse espaço deveriam ter psicólogos educacionais para colaborar com o desenvolvimento de projetos que incentivem a abordagem dessa temática.

Reafirmando a ideia supracitada no início desse tópico, o educador, assim como a criança, não é um ser vazio, mas um sujeito carregado de subjetividade e vivências, de forma que esses aspectos permeiam a forma como eles percebem e abordam as diferentes temáticas em sala de aula. Por esse ponto de vista, pode-se constatar a importância de levar em consideração as experiências desses sujeitos ao pensar nessa abordagem, como pode ser observado no fragmento a seguir:

(...) pra mim sempre foi um assunto muito difícil, pra eu abordar o tema morte, até por perdas da minha família e aí a gente acaba criando um bloqueio (E6).

Uma outra participante, E9, relata um caso de morte na família em que ela não obteve explicações por parte dos adultos, sendo obrigada a ver a pessoa morta, mas sem nenhum tipo de diálogo. Isso ficou explícito no recorte abaixo:

(...) aquilo ali pra mim foi um trauma, pra mim superar foi muito difícil, porque eu passei meses sem conseguir dormir. E isso pode acontecer também com outras crianças, porque elas podem também ter o trauma da morte, e não ter tido uma atenção melhor pra ela de explicação e acontecer de ela ficar traumatizada (E10).

A respeito disso, Kóvacs (1992) aponta que a maneira como os adultos falam da morte para um infante vai influenciar em como ele lidará com as perdas futuras. Ao evitarem maiores esclarecimentos, os adultos acabam fazendo com que a morte seja relacionada ao silêncio, a algo que não deve ser comentado ou dialogado.

Essa mesma autora (Kóvacs, 2012) considera importante que os educadores se familiarizem com sua visão de morte, a ponto de considerar e elaborar seus processos de lutos para que possam trabalhar essa questão com as crianças, haja vista que a experiência pessoal é de suma importância. Adicionalmente a esse pensamento, afirma que é necessário que haja uma formação profissional – na qual não deve ser repassado um roteiro a seguir – mas que estimule o autoconhecimento, a reflexão e a sensibilização para a abertura individual.

Assim sendo, é possível identificar que diferentes fatores influenciam na visão que o sujeito tem sobre a morte, o que conseqüentemente vai influenciar na forma em que ele se propõe ou não a dialogar acerca dela. Nessa explanação, pode-se observar questões relativas ao tabu que a morte ocupa entre os adultos, as experiências pessoais, assim como a visão que é construída socialmente da criança como um ser frágil e, por vezes, livres de sentimentos postos como ruins.

4.2 “O que acontece quando alguém morre?”²: abordagem da morte com crianças no ambiente escolar e o uso da literatura infantil

A escola pode ser considerada uma extensão da família, pois é o segundo local em que a criança passa a ter maior convívio social. Esse ambiente tem como função formar um sujeito de forma integral, considerando suas diferentes necessidades de desenvolvimento. Entretanto, o que se pode observar é que, nesse percurso, a parte emocional dos alunos é negligenciada, afastando temas que vão além do conteúdo programado (Santos, 2013).

Diante disso, para compreender as possibilidades de inserção do diálogo sobre a morte na escola por meio da literatura infantil, é importante levar em consideração qual a relevância dada a esse tema pelos educadores. Para tanto, foi realizado esse questionamento buscando relacionar com o uso de livros infantis. Ademais, ao analisar os discursos resultantes dos momentos grupais, é notória a diferença entre as percepções demonstradas pelos participantes antes e depois do contato com os livros. Portanto, é importante sinalizar que as falas aqui analisadas apareceram antes do contato com esses instrumentos.

Quando questionados a respeito de em que momentos havia a abordagem da morte no ambiente escolar, os educadores reconheciam a necessidade da existência desses momentos, mas afirmavam que eles eram raros e ocorriam quando acontecia de passarem por situações que os “obrigava” a isso, como é o caso de quando as crianças perdem alguém próximo.

Bom, eu acho que a escola enquanto instituição, eu acho que como em qualquer outros temas, a questão da morte ela deve ser abordada. Como a E6 falou, no caso da sala dela, a aluna perdeu o pai, deve ser abordado, mas não tendo, eu acho que não seria, colocar no livro que vamos agora trabalhar o tema morte, eu acho né, eu acho que não (E1).

Sim, eu acho que a escola deve abordar, como o E1 falou, em situações que necessitam (E2).

Assim, eu tive porque essa situação me forçou a ter isso, essa situação que eu vivi (E6).

Nesses casos, os educadores reconhecem a relevância desse diálogo, mas apenas em momentos em que a criança já tenha passado pela perda, sendo essa uma prática bastante comum na sociedade atual, não havendo uma atuação de forma preventiva. A partir dessa discussão, duas educadoras contribuíram reafirmando a importância da abordagem da morte, porém não apenas nesses momentos específicos.

Se faz necessário trabalhar, abordar esse tema na escola, tão importante quanto as outras disciplinas, pois faz parte do dia a dia (E4).

(...) é difícil pra eles é, mas se você assim vai falando de acordo com o cognitivo deles, eles vão compreendendo um pouquinho melhor. E quando acontecer na família eles assim, não cair de surpresa (E5).

Nessas falas, pode-se sinalizar os escritos de Kovács (2012), os quais afirma que a morte faz parte do dia a dia, seja ela real ou simbólica. Portanto, conversar antecipadamente com a criança é uma maneira de prepará-la para perdas futuras, pois se este assunto é tratado como proibido a criança, quando passar por essas situações, será silenciada por acreditar que não pode e não tem espaço para esse diálogo. Portanto, ter esse reconhecimento por parte dos educadores é importante para que estratégias de inserção desse tema sejam elaboradas. Como afirma a E5, para essa abordagem ser realizada, é importante ser considerado estágio cognitivo em que a criança se encontra. Para tanto, pode-se utilizar a releitura que Torres (1979) propôs, cujas ideias descrevem a compreensão da criança sobre a morte de acordo com os estágios de Piaget.

² Título do livro “O que acontece quando alguém morre?” (Mundy, 2011).

Nessa mesma ocasião, o assunto da morte foi equiparado em relação ao seu tabu com temas como sexualidade e drogas. Contudo, mesmo com as questões sociais envolvidas, os educadores sinalizavam a importância de discuti-lo. Em sua maioria, citaram como recurso o uso de metáforas e discursos religiosos, sendo oposto ao que é recomendado por autores como Kovács (1992), Sengik e Ramos (2013) que afirmam ser imprescindível que os questionamentos acerca desse fato não sejam respondidos por meio de ilusões. Apenas uma das participantes colocou que essa abordagem deveria ser de forma realista como exemplifica essa frase: “(...), se fosse possível a escola ao trabalhar esse assunto deveria ser realista mesmo com a criança” (E4). Como consequência dessa reflexão, surgiu a importância do educador se atentar a forma como ele leva esse tema para sala de aula, a fim de que ele considere, além do estágio de desenvolvimento da criança, suas crenças e vivências individuais.

De acordo com essa ideia, Paiva (2011) discorre que as diferentes crenças e representações sociais construídas para a morte podem vir a ser um elemento bloqueador para que o debate ocorra no ambiente escolar. Mas acrescenta que uma das formas de solução para tal problemática é permitir que os próprios alunos tragam suas representações, deixando evidente que não há uma verdade única, muito menos respostas prontas em torno desse fenômeno.

No que concerne ao uso da literatura infantil como possibilidade desse diálogo, nesse primeiro momento, os educadores não consideravam como adequada. Mas para outros temas, foi notório o papel importante que ela desempenha no processo educacional, com maior significância na educação infantil. Dentre suas funções, ficou evidente o despertar e estimular da imaginação, o desenvolvimento da linguagem, a elaboração de conflitos, como medo e timidez, e a extração de significado para vida.

Como justificativa da impossibilidade de uso desse instrumento na abordagem da morte, os educadores enunciavam que o modo como esse tema era abordado na literatura se apresentava vago, principalmente nos clássicos:

(...) é aquela personagem que acho que morre que o príncipe a beija e ela volta a vida, o que me chamou atenção foi isso que eles poderiam ver dessa forma, é muito vago (E4).

Assim, em relação ao clássico da chapeuzinho vermelho, uma vez alguns alunos me indagaram, não só uma vez, mas mais de uma, assim a questão do lobo mau que come a vovozinha, aí eles perguntaram, “mas tia, a vovozinha não morreu”? Porque realmente eles deixam assim o tema muito vago (E6).

(...) ele deixa essa lacuna, ele só passa pra criança a morte, pronto morreu, não existe, mas na vida dela não chega essa lacuna, na vida dela ela vai conhecer a prática (E9).

Sobre essas representações, Kirchof e Silveira (2018) desenvolvem que, por tempos, morte era ilustrada como um vilão, um castigo ou um sacrifício e, até mesmo, era ausente. Após tantas transformações, apesar de ainda ser um grande tabu social, a abordagem da morte na literatura infantil passou a ser mais aceita e até recomendada, mas nos clássicos que são os livros mais disseminados ela perpetua nesses papéis. Esses autores acrescentam que, no mercado brasileiro, ainda há um número bastante considerável de livros que retratam a morte com um viés religioso e transcendente.

4.3 “Era uma vez o fim?”³: o processo de descoberta sobre a presença da morte na literatura infantil e suas possibilidades de uso

A exposição dos livros ocorreu no terceiro Grupo Focal. Os educadores, ao chegarem na sala, os livros já estavam espalhados e foi requisitado que eles pegassem o que mais chamou sua atenção. Não foi limitada a quantidade que poderiam ler, ficando a critério deles trocar

³ Título do trabalho “Era uma vez o fim: representações da morte na literatura infantil” (Lopes, 2013).

entre si após a finalização da leitura. Foram estipulados 30 minutos para leitura; alguns educadores que escolheram livros menores trocaram entre si. No momento da leitura, uma educadora chorou por identificação com a personagem, outros riram e todos se mostraram envolvidos, sendo esses alguns dos papéis estipulados à literatura, identificação, diversão e ao envolvimento com a leitura (Garcia; Facincani, 2007).

Após a última educadora finalizar a leitura, foi pedido para que todos falassem o motivo da escolha do livro e fizessem um breve resumo do que era ilustrado no material escolhido. Como critérios de escolha, eles citaram Título, Autor e Ilustrações. A posteriori, os educadores apontaram o quanto os livros traziam a morte de forma real, como acontece no cotidiano, sendo exemplificado nas falas a seguir:

*(...) aí assim ela ficou muito triste né, e assim acontece né?! Na chamada vida real né (E6).
Esse livro realmente ele trata a realidade né (E10).*

Acrescentaram que, além de abordar o tema de forma real, os livros eram adequados por fazerem uso da brincadeira e da diversão para dialogarem sobre sentimentos, como a tristeza:

*(...) ele é muito bom e se essa forma como a gente pegarmos essas informações, repassarmos bem para as crianças e a gente vai ver que ficar triste, chorar não é tão ruim assim (E4).
“O livro é muito bom porque por ele ser voltado para crianças ele é muito divertido, é uma brincadeira gostosa da criança fazer a leitura né. E aí ela vai perceber a morte com outros olhos, não com a seriedade com que é tratada pelos adultos (E9).*

Com essa perspectiva, Torres (1979) explica que a criança, assim como o adulto, sente a dor da perda e necessita vivenciar os processos de luto. Entretanto, para que ela comece a compreender a morte, deve ser utilizada uma linguagem clara, objetiva e adequada ao seu nível cognitivo, devendo o adulto evitar o uso de metáforas carregadas de ilusões ou de mentiras, pois isso pode confundir a criança. Portanto, sendo a morte retratada nesses livros de forma real e compreensível, eles se mostram como um possível recurso mediador. Lopes (2013) acrescenta que a morte, tal como outros temas tabus, pode ser abordado por meio da literatura infantil de maneira a deixar seu papel socialmente velado. Em concordância, Zambeli e Silva (2014) discorrem que possíveis maneiras sensíveis e divertidas de abordarem esse tema são expressas por meio do ato de contar e ouvir narrativas.

Nessa lógica, ao colocarem o conteúdo explanado nos livros como adequados para as crianças, principalmente como retrato do cotidiano e a morte como parte do processo de desenvolvimento humano, eles passaram a programar a inclusão do uso desses livros – em momentos exclusivos – no cotidiano escolar, antes da pesquisadora solicitar.

(...) esse livrinho aqui pode ser trabalhado para criança da educação infantil sem problema, que é sobre a origem da vida e da morte e não dá pra causar nenhum desconforto na criança (E1).

*Diante dos livros, nem li todos, mas só pelos títulos e os forma com as colegas passaram, dá para trabalhar muito sim na roda de leitura dirigida, teatral, de forma lúdica (E4).
Eu acredito que todos esses livros podem ser trabalhados. Um trabalho durante uma aula de interpretação dividindo a turma em grupos, para que cada grupo possa trabalhar determinado livro depois apresentar de forma encenada com uma peça teatral, de inúmeras maneiras, desde que seja um livro adequado para criança né (E9).*

Autores como Barbosa e Oliveira (2018) exploram como a morte é apresentada em duas narrativas elaboradas para o público infantil. Nestas, o tema é apresentado de forma lúdica,

divertida e cômica, assim como colocado pelos educadores, corroborando com a ideia de não trazer desconforto colocada pelo E1, já que se busca não a associar ao medo e ao terror, assegurando que o tema não faz parte apenas do mundo adulto, mas também do infantil. Acrescentam que a maneira como esse assunto é abordado, assim como a literatura, se modificou ao longo dos tempos.

Ao final, as palavras que os educadores elaboraram como síntese dos momentos grupais foram: “*Conhecimento*” (E1), “*Aprendizagem*” (E3), “*Aprendizado*” (10) e “*Assimilação*” (E9), pois como colocado por eles haviam sido momentos de construção de muito conhecimento e internalização; “*Coragem*” (E4); “*Reconhecimento*” (E5); “*Aceitação*” (E6), já que é necessário coragem para reconhecer e aceitar a morte como parte do ciclo vital.

Analisando os levantamentos adquiridos no decorrer dessa pesquisa, é importante reafirmar que algumas das dificuldades de inserção desse tema no ambiente escolar são a falta de suporte para o educador e a abertura de reflexões para esse diálogo, sendo fruto do funcionamento social que trata o tema da morte como tabu. Por conseguinte, ao não haver espaço para discutir essas possibilidades, elas não são disseminadas, assim como a literatura infantil que aborda essa temática (Paiva, 2011).

O contato com os livros, igualmente à discussão grupal, foi extremamente importante para reflexão dos educadores e para a coleta de dados. Isso pode ser exemplificado por meio da colocação de um dos participantes, pois no momento das discussões a E9 expôs que na escola havia dois livros iguais aos levados pela pesquisadora – “O que acontece quando alguém morre?” (Mundy, 2011) e “Ficar Triste não é ruim” (Mundy, 2001). Ao final, o E1 expôs sobre a relevância dessas discussões, pois ele e os demais educadores não tinham conhecimento desses livros, posto que antes desses momentos grupais, eles não estavam dando relevância para essa temática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, é possível identificar o tabu que o diálogo sobre morte ocupa na sociedade. Além disso, quando se refere a trabalhar esse tema com as crianças são ainda mais raros espaços para essas discussões. O processo de coleta proporcionou aos participantes momentos de reflexões e mudanças, podendo eles serem identificados a partir das respostas obtidas antes e depois do contato com os livros infantis. No início, como explicitado pela maioria dos educadores – antes do contato com os livros – só era necessário esse diálogo quando acontecesse da criança passar pela perda de um ente querido e, quando realizado no ambiente escolar, essa conversa era com base no uso de metáforas, conteúdos religiosos e eufemismos para as explicações.

Após o contato com os livros, esse pensamento foi se modificando, pois se percebeu a importância da inclusão dessa temática em momentos exclusivos e a possibilidade de uso da literatura infantil como recurso mediador. Com isso, foi possível atingir o objetivo dessa pesquisa ao analisar a perspectiva dos educadores sobre o uso da literatura infantil nesse diálogo, afirmando eles como executável e necessária. As perguntas e o direcionamento da pesquisadora, em nenhum momento, interferiram de forma teórica na compreensão dos participantes. Portanto, as considerações e soluções aqui explicitadas foram fruto das discussões e da interlocução grupal.

Por fim, considera-se que muitos são os aspectos que permeiam o tabu sobre essa temática, desde questões sociais, históricas, culturais a experiências individuais. Desse modo, faz-se necessário adentrar em todos esses níveis em busca de possibilidades de abertura para esse diálogo, sendo que essa pesquisa discorre sobre uma dessas vias com a contribuição da perspectiva de educadores. Os resultados mostram a relevância em torno da reflexão e do uso de materiais, como os livros infantis, para transformar a visão social sobre a abordagem desse tema com crianças. A disseminação de tais achados contribui para repensar e adequar as

possibilidades de uso dessa literatura em cada realidade e particularidade, bem como difundir esses instrumentos. Essa é uma pesquisa exploratória, que não teve intenção de esgotar esse assunto, mas permitir o diálogo entre os educadores. Ademais, esse trabalho mostra a relevância do uso de técnicas de coleta de dados grupais, pois elas proporcionam a construção de soluções para uma problemática para além das percepções individuais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. Sobre jequitibás e eucaliptos Amor. In: ALVES, R. **Conversas com quem gosta de Ensinar**. Guarulhos: Cortez, 1980. p. 7-14.
- ARAPIRACA, M. A. A literatura infantil na escola. **Entreideias**, São Paulo, n. 4, p. 1-4, 2000.
- ARIÈS, P. A. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- ASCHIDAMINI, I. M.; SAUPE, R. Grupo focal estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. **Cogitare Enfermagem**, v. 9, n. 1, p. 9-14, 2004.
- BACKES, D. S. et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O mundo da saúde**, v. 35, n. 4, p. 438-442, 2011.
- BARBOSA, J. S.; OLIVEIRA, V. V. de. A morte na literatura infantil: diferentes abordagens. In: ENLIJE, 7., 2018, Campina Grande. **Anais** [...]. Campina Grande: Editora Realize, 2018. v. 1, p. 1-12. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/TRABALHO_EV120_MD1_SA3_ID74_16072018100149.pdf. Acesso em: 17 nov. 2019.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.
- BRANCO, S. **O Dia em que a Morte Quase Morreu**. Ilustr. Elma. São Paulo: Salesiana, 2006.
- CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, São João Del-Rei, v. 6, n. 2, p.179-191, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2019.
- EMEDIATO, L. F. **Eu Vi Mamãe Nascer**. 9. ed. São Paulo: Geração, 2009.
- GARCIA, S. C. G.; FACINCANI, E. F. Literatura infantil e escola: algumas considerações. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. **Anais** [...]. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, 2007. p. 1-17. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss02_06.pdf. Acesso em: 17 abr. 2019.
- KIRCHOF, E. R.; SILVEIRA, R. M. H. O pato, a morte e a tulipa: leitura e discussão de um livro ilustrado desafiador com alunos dos anos iniciais. **Educar em Revista**, v. 34, n. 72, p. 57-76, 2018.
- KOVÁCS, M. J. Educadores e a morte. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 71-81, 2012.

- KOVÁCS, M. J. Morte no processo do desenvolvimento humano. A criança e o adolescente diante da morte. In: KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. p. 34-39.
- KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LACERDA, N. G. **Um Dente de Leite, um Saco de Ossinhos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- LAGO, A. et al. **Meu filho pato**: e mais contos sobre aquilo de que ninguém quer falar. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2011.
- LOPES, T. C. R. **Era uma vez o fim**: representações da morte na literatura infantil. 2013. 79 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- MÜLLER, G. C. K. Alcances e fragilidades: os temas de vida e morte nos livros didáticos. **Educação**, v. 30, n. 1, p. 165-180, 2005.
- MUNDY, M. **Ficar Triste não é ruim**: Como uma criança pode enfrentar uma situação de perda. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2001. (Coleção Terapia Infantil)
- MUNDY, M. **O que acontece quando alguém morre? Um guia para as crianças lidarem com a morte e os funerais**. São Paulo: Paulus, 2011. (Coleção Terapia Infantil)
- PAIVA, L. E. **A arte de falar da morte para crianças**. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.
- PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. Lidando com a morte e o sentimento de perda. In: PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. p. 629-651.
- PEDRO, A. et al. A Vivência da Morte na Criança e o Luto na Infância. **Psicologia.pt**, 26 maio 2011. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0226.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2022.
- SANTOS, A. C. **O luto no ambiente escolar da educação infantil**. 2013. 16 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação de Porto Velho, Porto Velho, 2013.
- SENGIK, A. S.; RAMOS, F. B. Concepção de morte na infância. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 379-387, 2013.
- SILVEIRA, R. M. Velhice e morte na literatura para crianças: apontamentos sobre o que e como se ensina a elas. In: SEMINÁRIO ANPED SUL, 9., 2012. Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: UCS, 2012.:
<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2977/234>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SOUZA, M. E. P. **Família/escola**: a importância dessa relação no desempenho escolar. 2009. 25 f. Universidade Estadual do Norte do Paraná, Santo Antônio da Platina, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2022.

TORRES, W. C. da. O conceito de morte na criança. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 31, n. 4, p. 9-34, 1979.

VALDÍVIA, P. **É assim**. São Paulo: Editora SM, 2012.

ZAMBELI, S. M. M.; KAERCHER, K; FELIPE, J. **O que a Literatura Infantil nos revela sobre a Morte**. UFRGS, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/189976/001091456.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 mar. 2022.

ZIRALDO. **Menina Nina**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012.